

TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA: *REFLEXÕES TECIDAS COM NARRATIVAS ESCRITAS EM CARTAS*

Jussara Fraga Portugal (UNEB)
jfragaportugal@yahoo.com.br

Simone Ribeiro Santos (UNEB)
ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br

Elci Nilma Bastos Freitas (UNEB)
enbastos23@gmail.com

Resumo: A pandemia covid-19 afetou a vida humana em 2020 e para conter a disseminação do vírus, as principais medidas de proteção foram o isolamento/distanciamento social, adoção do uso de máscaras faciais, a constante higienização das mãos, braços, objetos, produtos e em ambientes físicos. Assim, as atividades presenciais das instituições precisaram ser paralisadas, dentre elas, destacam-se as escolas e universidades. Por conta do elevado número de mortes humanas pela covid-19, a ausência de uma vacina que combatesse a doença, o Conselho Nacional de Educação do Brasil aprovou a adesão do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para o retorno das aulas nas instituições educacionais públicas e privadas. Após início do ERE na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o grupo de pesquisa Geo(bio)grafar realizou encontros *on-line*, compartilhando as experiências do vivido na pandemia. Este estudo baseou-se na pesquisa qualitativa, ancorada no método (auto)biográfico e utilizou-se os relatos orais e as cartas narrativas de duas professoras da educação superior. As professoras ressaltaram a ruptura da rotina, as dores, tensões, medos, angústias e suas consequências na vida cotidiana, além de estratégias de enfrentamento em sua rotina laboral, durante o ERE, assinalando reflexões, inquietações e repercussões no “novo” cotidiano da vida e do trabalho docente.

Palavras-chave: Narrativas em cartas. Experiências docentes brasileiras. Distanciamento social pela pandemia covid-19.

Introdução

O ano de 2020 estabeleceu um marco temporal para a sociedade contemporânea em todo o mundo, pois foi surpreendida pelo fenômeno da pandemia da covid-19, conforme declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11 de março desse ano e, tradicionalmente, em toda a história da humanidade, entre outras medidas, a mais eficaz para conter a propagação do coronavírus SARS-CoV-2, que provoca a grave doença denominada infecção respiratória aguda, é o isolamento e distanciamento social entre as pessoas.

Tais medidas afetam diretamente os cotidianos e as relações humanas, deixando profundas marcas na tessitura social, de modo que o ser-estar-relacionar no mundo foi alterado, impactando todos os setores da vida, entre eles, o campo da Educação.

Então, para reduzir a disseminação do vírus e prevenir a contaminação da população no Brasil, os executivos estadual e municipal de todo o território brasileiro publicaram decretos e portarias limitando o direito de ir e vir das pessoas, paralisando as atividades presenciais de escolas, universidades e diversas outras instituições/estabelecimentos, sejam eles públicos ou privados, mantendo exclusivamente abertos os serviços essenciais, como: hospitais; serviços de saúde; farmácias; órgãos de policiamento; bombeiros; comércios de produtos alimentícios, higiene e limpeza; entre outros trabalhos primordiais. Além dessa medida, as normas publicadas estabeleciam afixar barreiras em ruas e estradas, o uso de máscaras, cobrindo as narinas e a boca, lavagem constante das mãos e braços, uso de álcool 70% e aumento da limpeza dos espaços físicos, de produtos e objetos, de modo frequente.

Com efeito, o ritmo da vida cotidiana em relação aos estudos e aos trabalhos, principalmente em escolas e instituições de ensino superior, sofreu um brusco impacto para grande parcela da sociedade, gerando consequências tanto no âmbito social, quanto intelectual e emocional, que reverberaram e/ou reverberam reflexões sobre a necessidade de uma nova forma de convivência em sociedade, principalmente na qual o cuidar do outro e de si tornou-se condição *sine qua non* para a sobrevivência humana no planeta.

Apesar da necessária interrupção das atividades presenciais nas instituições educativas, era importante retomar as atividades para que os efeitos negativos das aulas paralisadas fossem reduzidos e, assim, em 28 de abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) do Brasil recomendou o retorno das aulas por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE) e, desse modo, diversas instituições educacionais passaram a se organizar para essa nova modalidade ensino, por meio do uso de ferramentas e plataformas digitais das mais variadas.

Para explicar como aconteceu o ensino remoto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), é pertinente descrever o seu perfil. A UNEB é uma autarquia em regime especial, vinculada à Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), criada em 1983, autorizada em 1986, sendo organizada por meio de um sistema *multicampi* de educação superior (Boaventura, 2009) de grande relevância social, tanto em nível nacional, quanto internacional. Atualmente, a instituição possui 30 departamentos em 24 municípios da Bahia,

sendo a sede da administração central localizada na capital Salvador e os outros *campi* distribuídos em 23 cidades do interior baiano. Vale ressaltar que essa universidade oferece programas e ações de extensão universitária a vários municípios da Bahia, contemplando pessoas que habitam os 417 municípios do estado, a partir de convênio com organizações públicas e privadas (Portal UNEB, 2023).

Agora, conhecendo a dimensão da UNEB, considerada, inclusive, como uma das maiores universidades do Brasil, é possível prosseguir acerca da questão do ensino remoto dessa instituição que, após a aprovação do Conselho Universitário (Consu), em 6 de outubro de 2020, iniciou o processo de retomada das aulas *on-line*.

Com o retorno das atividades remotas na UNEB, enfocamos, agora, o trabalho realizado pelo grupo de pesquisa Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores (Geo(bio)grafar), que atua no *campus* 11 dessa universidade, localizado no município de Serrinha, Bahia.

Na pandemia, a coordenação do Geo(bio)grafar realizou sua primeira reunião no começo do mês de julho, a princípio, para saber como os membros do grupo estavam diante dessa pausa e, dessa feita, rememoramos as ideias de Sabino (1981) ao revelar que o ser humano precisa fazer da interrupção um novo caminho. Nesse sentido, acreditamos que o inesperado e intrigante contexto pandêmico trouxe para a vida humana uma pausa para muitas reflexões e, assim, diversas narrativas humanas acabaram revelando suas peculiaridades, marcadas por suas experiências e sentimentos sobre esse novo fenômeno.

Em meio a essa pausa, nessa reunião com os participantes do Geo(bio)grafar, ocorreu a ideia de desenvolver uma pesquisa de extensão intitulada “Vida e pandemia: narrativas em quarentena” (Portugal, 2020b), que consiste na partilha de histórias, entre os membros desse grupo de pesquisa, sobre os impactos da pandemia na vida cotidiana – rotinas pessoal, de trabalho e de estudo –, por meio de narrativas orais relatadas em encontros remotos quinzenais.

Esse projeto de extensão proposto pelo Geo(bio)grafar tomou maiores proporções, desdobrando-se em um projeto de pesquisa cujo título é “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia”, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Jussara Fraga Portugal, o qual se propõe a:

- I. Refletir sobre as vivências individuais e as experiências compartilhadas no período de quarentena;
- II. Tematizar os impactos da pandemia na vida cotidiana dos membros do GP Geo(bio)grafar, a partir da escrita narrativa autobiográfica;
- III. Identificar

práticas/táticas e ou estratégias de enfrentamentos do coronavírus e da Covid-19 adotadas no cotidiano da vida; IV. Listar os principais temas e sentimentos que emergem das narrativas no contexto da pandemia; V. Cotejar narrativas sobre práticas de enfrentamentos do coronavírus e da Covid-19 durante este contexto de isolamento social; VI. Cartografar as vivências individuais e as experiências partilhadas no período de quarentena, no contexto do Projeto Isolar para Viver; VII. Analisar questões que emergem das narrativas nas cartas sobre o isolamento social e a elaboração de rotinas de trabalho e estudo na dimensão *home office*. (Portugal, 2020a, p. 4)

Com base nesses objetivos, pode-se certificar que a pesquisa desenvolvida pelo grupo possibilitou aos integrantes do Geo(*bio*)grafar um processo de autorreflexividade, despertando o conhecimento de si e a aprendizagem entrepares da/na/sobre o coronavírus e a covid-19, no devir de um contexto de distanciamento/isolamento social, o qual impôs mudanças significativas no modo de vida de todas as pessoas. Então, com essa experiência, docentes e estudantes perceberam-se protagonistas das histórias narradas, as quais entrelaçam os elementos biográficos – histórias de vida, memórias, aprendizagens e experiências com a pandemia.

Com efeito, entendemos que, a partir das histórias de vidas narradas pelos(as) integrantes do Geo(*bio*)grafar sobre seus sentimentos, experiências e aprendizagens no devir de um contexto de distanciamento/isolamento social, o qual trouxe expressivas mudanças na vida de todos(as) – o eixo central do projeto seja a interface saúde/educação na atualidade, bem como os impactos provocados por esse fenômeno mundial (a pandemia pela covid-19) na vida-formação, no trabalho docente e na profissão de todos os envolvidos.

Cabe salientar que a escrita deste texto foi organizada por três blocos temáticos, além da introdução e considerações finais, conforme a seguinte configuração: 1. “Pandemia da covid-19”; 2. “Pesquisa narrativa, cartas e escrita de si”; 3. “O cotidiano da vida e o trabalho docente durante a pandemia narrados em cartas por duas professoras-membro do grupo de pesquisa Geo(*bio*)grafar”.

Assim, no primeiro bloco temático, pretende-se ampliar os conhecimentos sobre a pandemia de covid-19 por meio dos estudos sobre as medidas e legislações estabelecidas no Brasil e, de modo particular, no estado da Bahia, uma das 26 unidades da federação brasileira, localizado na Região Nordeste do Brasil. Entre outras leis, considera-se relevante detalhar o Decreto nº 19.529, de 16 de março de 2020, estabelecido pelo Governo do estado da Bahia e a Resolução CNE/CP nº 02, de 10 dezembro de 2020.

Intenciona-se também enfatizar o embasamento teórico-metodológico sobre a pesquisa narrativa, cartas e a escrita de si na perspectiva de Bragança (2018), Camini (2012), Delory-Momberger (2008; 2012), Jolibert & Jacob (2006), Larrosa (2002), Passeggi (2010), Ricoeur (1996; 1994), Souza (2014), entre outros autores e pesquisadores.

E, por fim, pretende-se apresentar as narrativas descritas em cartas pelas professoras-membro do Geo(*bio*)grafar, sobrelevando a inusitada experiência que a covid-19 proporcionou à vida e ao cotidiano do trabalho das duas professoras, colaboradoras da pesquisa. Nesse último bloco, busca-se cruzar as narrativas das professoras sobre o trabalho docente e as reverberações que a pandemia da covid-19 proporcionaram à profissão, entrecruzando os fundamentos teórico-metodológicos adotados nessa pesquisa, cuja abordagem centra-se no método (auto)biográfico, na pesquisa narrativa e escritas de si como opção teórico-metodológica.

Pandemia da covid-19

Em março de 2020, o planeta Terra foi surpreendido com a declaração da OMS sobre a pandemia de covid-19, uma doença denominada de infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. (Brasil, 2021)

O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família *Coronaviridae* e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. (Brasil, 2021)

Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos, como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2. (Brasil, 2021)

Após breve exposição acerca do que é a doença e o vírus, precisamos nos ater às questões socioeducacionais que a pandemia reverberou na humanidade. Primeiro, reforçamos a necessidade de isolar para garantir a vida humana planetária e, no caso da Bahia, essa

medida foi tomada através do Decreto nº 19.529, publicado em 16 de março de 2020, pelo Governo do respectivo estado, interrompendo as aulas presenciais e renovando tal normativa por várias vezes durante o ano de 2020, em virtude da ausência de conhecimentos concretos e da vacina que combatesse o vírus ou pelo menos minimizasse a gravidade da doença nas pessoas.

Porém, não se pode negar o direito à educação conforme preconiza a Carta Magna de 1988 e, em virtude disso, outra importante medida é publicada, reforçando a recomendação feita pelo CNE do Brasil. Trata-se da Resolução CNE/CP nº 02, de 10 de dezembro de 2020, que institui as Diretrizes Nacionais orientadoras sobre as normas educacionais excepcionais a serem aplicadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas e particulares, comunitárias e confessionais, durante a situação de calamidade estabelecida pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.

Essa resolução foi imperiosa para a retomada das aulas remotas e, nesse sentido, os déficits de aprendizagem pudessem ser minimizados. Além das aulas, outras atividades também foram reiniciadas, a exemplo do trabalho do grupo Geo(bio)grafar, visto que a pandemia desencadeou outras consequências, não apenas de ordem física, mas emocionais e psicológicas, essas últimas devido ao medo de ser contaminado, mas, sobretudo, por conta do número excessivo de informações contraditórias sobre a covid-19. (Pereira; Oliveira; Costa; Bezerra; Pereira, Santos & Dantas, 2020)

Tendo em vista o que nos alertam Duarte; Santo; Lima; Giordani & Trentini (2020), ao afirmarem que a saúde mental contribui com o comportamento preventivo e a própria manutenção da saúde da população, principalmente na fase pós-pandemia, na retomada dos cotidianos de suas vidas, com as atividades 100% presenciais, o Geo(bio)grafar decidiu recomeçar suas atividades, inicialmente, fazendo o acolhimento entrepares e, no decorrer desse acolhimento, surgiu a ideia de realizar, primeiramente, a escuta oral entre os membros do grupo, no qual as vivências na pandemia (muitas das vezes dolorosas) repercutem em narrativas com seus diversos temas.

Para compreender a ideia desta escrita, vamos discorrer a seguir sobre a opção epistêmico-metodológica escolhida para este trabalho.

Pesquisa narrativa, cartas e escrita de si

Para compreender a escolha teórico-metodológica deste trabalho, ora apresentado, é pertinente saber que o ato de escrever, com base nas intenções e desejos do escritor, concebe a ideia de uma comunicação ou narrativa sobre alguma coisa que vem a explicar, informar, incentivar a alguém ou a idealizar algo. As cartas, como escritas, na maioria das vezes, individuais que contemplam as representações, as memórias, as afetividades e os imaginários, são um dos principais exemplos, em que as pessoas expressam suas opiniões, sentimentos e sonhos (Jolibert & Jacob, 2006, p. 44).

As cartas tiveram grande expressão no mundo, uma vez que serviam como fontes de registro e documentos para os indícios históricos de fatos experienciados pelas pessoas, conforme assevera Camini (2012). Relembrando ainda que elas possuem várias tipologias, a exemplo de cartas pessoais, comerciais, oficiais, profissionais e há também gêneros que utilizam o modelo epistolar – relativo à forma de escrever cartas como estilo e gênero epistolar –, tanto para o escopo literário ou jornalístico, quanto para ao escopo público, tais como a carta ao leitor e a carta aberta.

Desses modelos, a carta pessoal foi a adotada pelos participantes do Geo(*bio*)grafar, por considerarmos como percursos que permitem traçar o perfil do autor, como vivem e experienciam seus cotidianos de vida e, assim, conhecemos o escritor, bem como a forma como enxergam e contemplam a sua realidade, opções, dificuldades e sonhos, os quais nos propiciam apreender as dimensões biográficas dessas pessoas para a construção deste texto.

A ideia do Geo(*bio*)grafar origina-se a partir das profundas transformações que permeiam a sociedade contemporânea, tendo em vista o novo contexto de proteção e combate ao SARS-CoV-2, ao afetar drasticamente as rotinas de vida, estudos e trabalhos dos indivíduos. Assim que foi oportunizado pela UNEB, os membros do Geo(*bio*)grafar decidiram realizar encontros quinzenais, com o objetivo de potencializar o planejamento de projetos de extensão universitária, através de sugestões de atividades a serem realizadas no pós-pandemia.

Nessa acepção, surgiu a ideia do projeto de extensão “Vida e pandemia: narrativas em quarentena” (Portugal, 2020b), que tinha por objetivo estabelecer um espaço-tempo virtual para a partilha de histórias entre os membros do grupo, sobre a vida, o panorama vivido no isolamento/distanciamento social e sobre o combate à covid-19. A partir de blocos temáticos delineados, todos os participantes foram orientados a narrar acerca das repercussões da pandemia e do isolamento/distanciamento social em sua vida cotidiana, seja pessoal, na rotina

de trabalho e estudo, no que concerne o *home office*/trabalho remoto, a partir das narrativas orais expostas nos encontros quinzenais. Porém, no intuito de otimizar o espaço-tempo da partilha dos relatos orais, despontou-se o pensamento de registrar essas narrativas orais em cartas, a serem compartilhadas através do correio eletrônico (*e-mail*) com todos os membros do grupo.

De posse das cartas, cada membro tinha como tarefa ler todas as escritas narrativas dos colegas e, nos encontros quinzenais virtuais do grupo, intitulados “Café, prosa e narrativas”, aconteceriam a leitura das histórias e os diálogos sobre o vivido, sobre os fatos e os sentimentos que atravessavam as cartas, sendo organizada, portanto, uma agenda em que um membro-leitor apresentaria a escrita do membro-escritor.

É pertinente salientar que, do projeto de extensão “Vida e pandemia: narrativas em quarentena” (Portugal, 2020b), emerge o projeto de pesquisa intitulado “Isolar para viver: narrativas em tempo de pandemia” (Portugal, 2020a) com as seguintes questões:

1. Como têm vivido os membros do Grupo de Pesquisa Geo(*bio*)grafar durante a pandemia? Quais impactos têm causado a pandemia na vida desses sujeitos?
2. Quais estratégias têm sido adotadas para superar ou minimizar os impactos – físicos, emocionais, sociais – causados pela pandemia da Covid-19 no cotidiano da vida?
3. Como os membros do Grupo de Pesquisa Geo(*bio*)grafar têm experienciado práticas de enfrentamentos do Coronavírus e da Covid-19 numa situação social comum: a quarentena?
4. Quais aprendizados se entrecruzam nesta (ou emergiram desta) situação da quarentena com impactos na vida profissional e/ou de formação? (Portugal, 2020b, p. 3)

Com base nessas questões, podemos afirmar que o projeto “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia” (Portugal, 2020a) manifesta-se com a intenção de colocar a centralidade em docentes, graduandos e pós-graduandos como atores e autores de suas histórias de vida e, também, busca mobilizá-los a refletirem e narrarem seus sentimentos, os quais suscitam as seguintes biografizações: histórias de vida, memórias, vivências e experiências no cotidiano da pandemia e todas as reverberações atinentes ao isolamento/distanciamento social, no que diz respeito às aprendizagens, saberes e relações de convivência proporcionados nesse cenário. Com efeito, a pesquisa mostrou-se como potente movimento formativo/autoformativo/performativo, objetivando grafar as vivências e experiências frente aos acontecimentos, através de um enredo centrado na busca de atribuir sentidos e significados às aprendizagens individuais e/ou coletivas, traçadas na pandemia.

O objetivo principal do projeto “Isolar para viver: narrativas em tempo de pandemia” (Portugal, 2020a) foi analisar as vivências/experiências individuais partilhadas pelos participantes do grupo sobre os acontecimentos experienciados durante o isolamento/distanciamento social, incitados pela pandemia da covid-19. Além deste, a seguir apresentamos os objetivos específicos do projeto:

1. Refletir sobre as vivências individuais e as experiências partilhadas no período de quarentena;
2. Tematizar os impactos da pandemia na vida cotidiana dos membros do GP Geo(*bio*)grafar, a partir da escrita narrativa autobiográfica;
3. Identificar práticas/táticas e ou estratégias de enfrentamentos do Coronavírus e da Covid-19 adotadas no cotidiano da vida;
4. Listar os principais temas e sentimentos que emergem das narrativas no contexto da pandemia;
5. Cotejar narrativas sobre práticas de enfrentamentos do Coronavírus e da Covid-19 durante este contexto de isolamento/distanciamento social;
6. Identificar as estratégias adotadas e/ou ressignificadas nas rotinas de trabalho e estudo na dimensão *home office*;
7. Cartografar as vivências individuais e as experiências partilhadas no período de quarentena, no contexto do Projeto Vida e pandemia: narrativas em quarentena;
8. Analisar questões que emergem das narrativas nas cartas sobre o isolamento/distanciamento social. (Portugal, 2020a, p. 4)

Os dispositivos metodológicos usados para a recolha dos dados foram as narrativas individuais escritas em carta e os encontros “Café, prosa e narrativas”, em que as histórias narradas nas cartas eram partilhadas entre os pares e, assim, no decurso das leituras das cartas, os encontros, paulatinamente, constituíram em um importante momento formativo/autoformativo/performativo. Dessa feita, acreditamos que as escritas de cartas em contexto pandêmico representaram em um ato de coragem, ao se despir de si mesmo, ao se desvelar para si e para outros, realçando os sentimentos, as emoções, as vivências e experiências desse período.

Para Larrosa (2002, p. 19),

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nas ideias de Larrosa (2002), a experiência não é apenas um simples momento, mas é algo que nos afeta, nos toca e nos entrecruza, é um mover de modo refletido sobre o vivido e, dessa forma, a experiência propicia a ampliação de nossas visões ao novo, vislumbrando novos sentidos, novos significados e novas aprendizagens.

Assim, narrar sobre as experiências no estado pandêmico, por meio de cartas e de suas leituras nos encontros virtuais quinzenais do Geo(bio)grafar, possibilitou potentes reflexões para a formação pessoal, acadêmica e profissional a todos os membros do grupo, uma vez que ao ler as informações contidas nas cartas e escutar os fatos narrados pelos participantes, fez-nos perceber o valor heurístico e a relevância da análise interpretativa-compreensiva (Ricoeur, 1996, 1994; Souza, 2014) na formação de todos os envolvidos, permitindo que cada pessoa mergulhasse em si mesmo, em suas trajetórias e histórias, extraíndo dessa experiência unidades singulares e divergentes das histórias ouvidas e, assim, mobilizando outras formas de se reinventar, tendo por base os elementos fenomenológicos que coabitam as narrativas escritas.

Cabe salientar que o desenvolvimento da pesquisa perpassou por quatro fases, sendo a primeira a escrita das cartas; a segunda, a partilha das cartas nos encontros virtuais quinzenais; a terceira, a produção de duas coletâneas, uma denominada *Isolar para viver: grafar, narrar e reinventar a vida*, publicada pela Editora Consequência, e a outra, cujo título é *Isolar para viver: experienciar, sentir e narrar a vida*, que se encontra na etapa final de editoração, nas quais constam as cartas (na íntegra); a quarta e última etapa refere-se à análise interpretativa-compreensiva das narrativas para a produção desta escrita e de outros textos e/ou pesquisas futuras.

Do universo de 29 cartas produzidas no segundo semestre de 2020 e revisitadas no primeiro semestre de 2021, para esta escrita, elegemos duas cartas de duas professoras da educação superior, as quais apresentamos na próxima seção deste texto. Vale ressaltar, também, que os excertos das narrativas de Rios e Souza, decorrentes de suas cartas, compõem a obra *Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia*, organizada por Portugal, J. F. et al., publicada em 2022.

O cotidiano da vida e o trabalho docente durante a pandemia narrados em cartas por duas professoras-membro do grupo de pesquisa Geo(bio)grafar

O cotidiano da vida é o acúmulo de experiências particulares, e muitas dessas experiências acabam indicando práticas comuns que se organizam em um espaço-tempo, as quais as narrativas delimitam um modo de fazer entre as pessoas que ora se aproximam, se entrecruzam, ora se distanciam. (Certeau, 1998)

Na pandemia de covid-19, esse modo de fazer comum foi bruscamente interrompido em prol da vida humana planetária, apesar do sentimento de que a rotina possa ser algo enfadonho, todos os seres humanos foram desafiados às novas formas de estar-fazer que emergiram no intuito de readaptar ao contexto inusitado. Uma das questões mais marcantes nas narrativas das pessoas e reportadas pelas professoras é a mudança desse cotidiano, conforme relatam a seguir:

Sabe Colega, a rotina do dia a dia parece chata, mas quando é quebrada provoca um turbilhão de emoções – um desassossego só. É impressionante como os rituais diários nos fazem falta, até a ação de pegar a estrada para trabalhar, está fazendo falta. [...] Quanto à rotina de casa, sempre foi articulada com a saída para trabalhar e tendo que trabalhar em casa está sendo um desafio separar as atividades, pois o fato de estar em casa me impõe participar de situações que antes eu não vivenciava. Então, foi e está sendo um (re)aprendizado negociar horários, cardápio, tempo de conexão dos filhos, tarefas domésticas (mesmo com ajudante) e o trabalho (Rios, 2022).

É fato que muitos de nós mudamos consideravelmente o nosso cotidiano, a nossa rotina diária. [...] Então, no período do distanciamento social vivenciei a multiplicidade de tarefas, quer sejam as profissionais, em *Home Office*, quer sejam as do lar. [...] O casulo que se transforma ou que possibilita abrigar as múltiplas funções dos seus moradores! Os moradores que se reinventam, que se olham, entreolham, (re)aprendem, que constantemente mudam, de uma forma nunca imaginada! A casa se antes era um local de passagem, pelo pouco tempo que se ficava nela, como um local para dormir, muitas vezes apenas, agora era vivenciado as 24 horas nela (Souza, 2022).

Além da abrupta mudança na rotina de vida, as professoras expressam as tensões, medos, angústias e dores desencadeados pela pandemia de covid-19, afinal, antes de serem profissionais, são humanas, por isso seus corações sentem, suas mentes vibram e fervilham diante das informações acerca do vírus SARS-CoV-2 e de todas as reverberações que o coronavírus causava no organismo das pessoas. Afinal, os pensamentos e atitudes de autopreservação e de cuidado para com os familiares e amigos são bastante comuns. Tais sentimentos foram desvelados nas seguintes narrativas:

E, no seio familiar, saudades e afetos em (re)construção, pois o isolamento social provocou e tem provocado em mim algumas angústias, pois ficar sem conviver com as pessoas que amamos em prol de manter a saúde pública é algo que nunca pensei precisar fazer e agora tenho que fazer. [...] Este tempo pandêmico é inédito e tem se revelado difícil e complexo. Difícil porque deixar de abraçar entes queridos que precisam da nossa presença física com cuidados tem provocado sensações de inércia, de vazio, de impotência – essas emoções são angustiantes. [...] Nesse contexto, os sentimentos afloraram: frustração pelo que não foi vivido, impossibilidade de controle de contágio, medo do desconhecido, revisão de prioridades, intensificação de cuidados possíveis, dentre outros. A possibilidade da finitude de um ente querido é dilacerante e, ao mesmo tempo, nos ensina que temos muito a aprender, inclusive, aceitar e compreender que a finitude da vida é uma certeza. Mas esses momentos tensos são também oportunidades de crescimento emocional e de valorização das relações humanas (Rios, 2022).

[...] no dia 16/03/2020 as aulas do meu filho aconteceram, mas decidimos não leva-lo para escola, já que também somos professores e entendemos a importância da educação escolar. Creio que gritou mais alto o nosso instinto de proteção, o medo do vírus, tomava conta de nós! Na semana anterior, lembro ter levado meu filho para escola e a forma da acolhida do porteiro com álcool provocou em mim uma sensação que nem saberia descrever. Contive lágrimas, mas sentia meu coração apertado, [...] A cada notícia de contaminado/a, de internado/a, de morte mexia conosco! Então, a casa tinha muitas funções também e era povoada por muitas emoções! [...] O *stress* vivido nesse contexto agravou ou fez surgir certamente os quadros de depressão, entre outros, quadros de adoecimento mental. E em situações de conflitos, sem ter onde sair, espalhar, quais válvulas de escape foram acionadas durante esse período de ficar todos ‘dendi casa’? (Souza, 2022).

No âmbito do trabalho docente, o que se percebe é um início confuso, diante desse novo espaço físico, o virtual e, atrelado a esse aspecto, verifica-se as adaptações e reinvenções que cada profissional fez para retomar às suas atividades laborais na modalidade remota, seja desde a aprendizagem sobre o manuseio da plataforma virtual, ao planejamento do tempo e dos conteúdos a serem trabalhados com os estudantes durante a pandemia. Nessa acepção, as professoras narram o seguinte:

No trabalho, a mudança de ritmo foi muito brusca. O interrompimento forçado das aulas em meados de março de 2020 por conta da Covid-19 me deixou desnorteada – e agora, o que fazer? [...] A alternativa foi ampliar o contato com os alunos através de e-mails e grupos de *WhatsApp* – esse contato já era feito com alguns alunos, o que possibilitou chegarmos a todos. [...] Mas, aos poucos fui estabelecendo um ritmo de trabalho para concluir o semestre de 2019.2 na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e continuar com o semestre 2020.1 na Faculdade Anísio Teixeira (FAT). [...] Não foi tranquilo, pois para todos nós, foi um processo que precisou de muita resiliência – às vezes os trabalhos não chegavam no meu e-mail, tinha que reenviar mensagens muitas vezes por *e-mail* e *WhatsApp* e, entender as dificuldades que alguns

alunos tiveram para acessar as plataformas por conta das localidades que residem, [...] já tenho um ritmo de trabalho mais organizado, porém tem sido uma batalha constante se adequar ao trabalho em casa. [...] tem sido difícil acostumar com este novo ritmo de trabalho – é solitário fisicamente: falta abraços, olhares, sorrisos e caras fechadas e sorridentes. Estou dando aulas na modalidade remota para os alunos da FAT, no curso de Pedagogia, e o ritmo é diferenciado – os alunos estão sempre enfatizando que sentem falta de toda a dinâmica da sala de aula, que a adaptação está sendo difícil, tanto por conta de condições materiais, mas também por dificuldades de concentração, de se autorregular para efetivar as atividades – uns se adequaram mais rápido, enquanto que outros ainda resistem. Já na UNEB, após a emergência inicial nos idos de março e abril para concluir o semestre de 2019.2, tenho participado de muitas reuniões, lives e cursos de extensão, como aluna e como docente (Rios, 2022).

Minha casa, como a de muitos de vocês, foi transformada em escolas: a saber: a escola do meu filho, estudante do 3º ano/4º ano (2020/2021); o Colégio Estadual o qual o esposo atua como docente e na Universidade – UNEB (Universidade do Estado da Bahia/Campus V), local que trabalho enquanto docente e, também, coordenadora do Colegiado de Geografia. [...] Também ganhei outros títulos. A mãe/mulher/professora/coordenadora/esposa agora agrega outras funções: cozinheira, faxineira, decoradora, cabeleireira, depiladora, conforme as necessidades da casa, ou melhor, de si mesma e dos moradores da casa (Souza, 2022).

As narrativas das professoras revelam medos e as angústias que a pandemia da covid-19 trouxe para suas vidas, bem como alterações do seu cotidiano e as adaptações que realizaram para execução do trabalho, enquanto docentes de instituições de ensino superior.

Considerações finais

Do exposto, observa-se que no decurso da biografização por meio de cartas, as professoras ressaltaram a ruptura da rotina, as dores, tensões, medos, angústias e suas consequências na vida cotidiana. Ademais, é pertinente destacar, ainda, suas estratégias de enfrentamento em sua rotina laboral, principalmente no percurso do trabalho docente, especialmente no período do formato remoto emergencial, pois as narrativas assinalam reflexões, inquietações e repercussões no “novo” cotidiano da vida e do trabalho docente.

Este escrito intencionou ampliar os conhecimentos sobre a pandemia de covid-19 por meio dos estudos sobre as medidas e legislações estabelecidas no Brasil e, de modo particular, no estado da Bahia, uma das 26 unidades da federação brasileira, localizado na Região Nordeste do Brasil. Permitiu, também, enfatizar o embasamento teórico-metodológico sobre a pesquisa narrativa, a partir das cartas com escritas de si e apresentou duas narrativas de

professoras-membro do Geo(*bio*)grafar, cujos escritos revelam a inusitada experiência que a covid-19 proporcionou a vida e o cotidiano do trabalho delas.

Assim, com as narrativas das professoras Rios (2022) e Souza (2022), pode-se afirmar que a vida e o trabalho docente mudaram significativamente após a pandemia da covid-19.

Por fim, acreditamos que a escrita das cartas, além de expor os sentimentos e as rotinas dos participantes do Geo(*bio*)grafar, permitiu caracterizar um período triste da história da humanidade, ao apresentar os cotidianos que envolviam as pessoas durante a pandemia provocada pela covid-19, cujas narrativas revelam os modos como cada um se isolou para viver/sobreviver.

Referências

- Boaventura, E. M. (2009). *A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência*. Salvador: EDUFBA.
- Bragança, I. F. de S. (2018). Pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: M. H. M. B. Abrahão; J. L. Cunha & L. Villas Bôas (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos* (pp. 65-81). Curitiba: CRV.
- Camini, I. (2012). *Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam*. Porto Alegre: ESTEF.
- Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (E. F. Alves Trad.). (3a ed). Petrópolis: Vozes.
- Decreto n. 19.529, de 16 de março de 2020. Regulamenta, no Estado da Bahia, as medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus. Recuperado de <http://www.casacivil.ba.gov.br/arquivos/File/dec19529DE16DEMARCOCODE2020.pdf>
- Delory-Momberger, C. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, 17 (51), 523-740.
- Delory-Momberger, C. (2008). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto* (M. C. Passeggi; João G. da Silva Neto & L. Passeggi Trans.). São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN.
- Duarte, M. Q.; Santo, M. A. S.; Lima, C. P.; Giordani, J. P. & Trentini, C. M. (2020). Covid-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9), 3401-3411.
- Jolibert, J. & Jacob, J. (Orgs.). (2006). *Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidades*. Porto Alegre: Artmed.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.
- Ministério da Saúde (MS). (2021). *O que é Covid-19?* Brasília. Recuperado de <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>.
- Passeggi, M. C. (2010). Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: M. C. Passeggi & V. B. Silva (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação* (pp. 103-130). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Pereira, M. D.; Oliveira, L. C.; Costa, C. F. T.; Bezerra, C. M. O.; Pereira, M. D.; Santos, C. K. A. & Dantas, E. H. M. (2020). A pandemia de Covid-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 9 (7). doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>
- Universidade do Estado da Bahia (UNEB). (2023). *A UNEB: Universidade do Estado da Bahia*. Salvador. Recuperado de <https://portal.uneb.br/a-uneb/>.

- Portugal J. F. (2020a). *Projeto de pesquisa Isolar para viver: narrativas em tempo de pandemia*. [Digitalizado]. Departamento de Educação (DEDC). Universidade do Estado da Bahia. UNEB/Campus XI/Serrinha.
- Portugal J. F. (2020b). *Projeto de Extensão Universitária Vida e pandemia: narrativas em quarentena*. [Digitalizado]. Departamento de Educação (DEDC). Universidade do Estado da Bahia. UNEB/Campus XI/Serrinha.
- Resolução nº 2, de 10 de dezembro de 2020. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Recuperado de https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECPN22020.pdf.
- Ricoeur, P. (1996). *Teoria da interpretação* (A. Morão Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa* (C. M. Cesar Trad.). (Tomo I). Campinas: Papyrus.
- Rios, C. F. M. (2022). Carta. Emaranhadas: assim são as coisas da vida. In: J. F Portugal; C. F. Mendes; H. R. Souza; P. P. Q. Souza & S. S. Oliveira (Orgs.). *Isolar para viver: grafar, narrar e reinventar a vida* (pp.49-61). Rio de Janeiro: Editora Consequências.
- Sabino, F. (1981). *Encontro marcado*. (32. ed). Rio de Janeiro: Editora Record.
- Souza, E. C. (2014). Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*. Santa Maria, 39(1), p. 39-50.
- Souza, P. P. Q. (2022). Carta. Meu Casulo: batalha, vivências e experiências na pandemia. In: In: J. F Portugal; C. F. Mendes; H. R. Souza; P. P. Q. Souza & S. S. Oliveira (Orgs.). *Isolar para viver: grafar, narrar e reinventar a vida* (pp.49-61). Rio de Janeiro: Editora Consequências.